



ISSN 1981 - 3031

REVISITANDO A MEMÓRIA ESCOLAR DE ALAGOAS DOS ANOS 30 E 40 DO SÉCULO XX

Leide Daiane de Melo Brito (UFAL)
leidedmelo@ig.com.br

Maria Izabella Brasil de Almeida Martins (UFAL)
Izabellabrasil.25@hotmail.com

RESUMO

Este artigo é fruto da experiência vivenciada durante as aulas da disciplina Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia, do Curso de Pedagogia da UFAL. A experiência permitiu conhecer e entender questões importantes relacionadas ao papel da educação desde seus primórdios até a contemporaneidade compreendendo as particularidades de cada época, no que diz respeito ao ensino e sua evolução, bem como a permanência dos alunos na escola. Para tanto, se fez necessário um recorte para este estudo, o qual foi realizado a partir da entrevista com uma idosa alfabetizada entre meados da década de 30 e 40 do século XX, na cidade de Maceió, Alagoas. A base teórica da temática desenvolvida durante a disciplina e no decorrer do estudo trouxe contribuições de Brandão (1981), Cambi (1999), Francisco Filho (2003), Verçosa (2001), Delgado (2006) e Tardif (2002). A metodologia abordada é fruto de uma pesquisa qualitativa, tendo como principal recurso a história oral, diante da recuperação da memória histórica da idosa entrevistada. Entretanto, tais recursos possibilitaram um reconhecimento significativo do ensino da época elencados as questões políticas, sociais e culturais.

Palavras - chave: educação, memória, ensino.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, disponibilizado para socialização no V EPEAL – 2010 da Universidade Federal de Alagoas trata de uma elaboração escrita com testemunhos orais a respeito da escolarização alagoana dos anos de 1920-1940, o mesmo é resultado de

uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito da disciplina Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia do Curso de Pedagogia da UFAL, ministrada no 1º semestre de 2007.

A temática abordada durante a disciplina proporcionou um novo conhecimento a respeito da história da educação desde a sua atuação nas primeiras civilizações, fazendo com que a partir desse entendimento pudéssemos compreender os fatos que a acompanha até os dias atuais.

Considerando que conhecer a história é refletir não só um momento, mas todo um contexto que envolve questões políticas, sociais, culturais e educacionais foi realizado entrevistas orais com a finalidade de resgatar a memória escolar de Alagoas dos anos 30 e 40 do século XX.

Os testemunhos orais têm contribuído sobremaneira para a constituição da escrita da educação brasileira, haja vista que trata de recuperar vozes que foram silenciadas pela produção escrita. No que tange a educação no início do século XX, embora reformas educacionais tenham sido implementadas no estado de Alagoas, a situação da educação primária era lastimável, com um número elevado de pessoas analfabetas (VERÇOSA, 2006). O poder político nas mãos das oligarquias locais privilegiadas com uma educação que atendia ao referido grupo social, sobretudo com a crescente oferta de colégios de cunho religioso, que exigiam das famílias dos alunos um alto poder aquisitivos para mantê-los.

O ensino público passa a ter problemas não apenas com o número reduzido de escolas, mas também com a dificuldade de instalá-las em prédios próprios ou adequados para aquela atividade. Apenas em décadas mais a frente é que tal situação será lentamente minimizada.

A educação era ainda bastante restritiva, com o setor público oferecendo á população, além das escolas isoladas, apenas 5 grupos escolares, mais o Liceu e a Escola Normal. (...) Este panorama, na verdade, reflete a situação geral do setor em todo o Estado: com apenas 5 grupos escolares em todo o

interior, predominam ainda as escolas isoladas, atendendo a um total de 12.349 estudantes. (...) Prédios próprios para o setor, porém, apenas 10, que era tudo o que o Governo havia construído até aqui, continuando a maioria das escolas a funcionar em *“prédio alugado pelo professor por quantia superior a que lhe dá o orçamento estadual”*, como diz Graciliano Ramos ainda em 1935, quando Diretor da Instrução Pública (Ramos, 1935:13-14).

VERÇOSA (2006 p. 132)

A educação escolar alagoana era tratada como moeda de troca na política eleitoreira, ou seja, era uma estratégia para garantir a perpetuação no poder, o investimento e a atenção que deveria ser dada a educação, a fim de colaborar com a formação do cidadão e com o desenvolvimento do país, revertia-se para os interesses próprios das oligarquias.

Mesmo com as diversas dificuldades da época aos poucos foram sendo construídas as escolas, vencendo o tempo e aqueles que sempre buscavam meios para burlar as leis.

Todo este processo construiu gradativamente a educação no Brasil e em particular no estado de Alagoas, formando, assim o contexto histórico que perdura até os dias atuais influenciando no modelo de escola e de educação existente.

HISTÓRIA ORAL: UM RECURSO NECESSÁRIO PARA DAR VOZ À EDUCAÇÃO DE SUJEITOS SILENCIADOS.

A educação, entendido no seu sentido lato significa formação humana, socialização. Esta foi repassada entre as gerações, mas como ponto de tensão entre elas. Repassada de forma oral ou através do exemplo familiar, ensinamentos ligados as suas tradições.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (...) A

educação pode existir livre e, entre todos pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.

BRANDÃO (1981 p. 7, 10)

Desde as primeiras civilizações a educação esteve presente como instrumento de transmissão e propagação cultural de maneira informal iniciada no próprio lar fundamentada nos princípios moral e religioso, e formal ministrada na escola que além de herdar estes princípios abrangia também os saberes científicos.

Em cada etapa vivida pela humanidade a educação esteve presente, determinando épocas e consolidando ideais e correntes que determinam as metodologias e didáticas. Na Igreja, no lar, nas tribos e em outros ambientes a educação encontra seu campo de atuação, mas é na escola que a mesma se dá de forma plena e adquire seu espaço legítimo.

O nosso estudo desenvolvido neste texto teve a intenção de recuperar o testemunho oral sobre escolarização de uma senhora nascida em Palmeira dos Índios (AL), no ano de 1930, atualmente com 80 anos. A importância de recuperar tal testemunho se dá pela riqueza de elementos que ajudam a entender melhor como a escolarização daquela época foi constituída a partir do relato de uma aluna. A entrevista foi realizada no ano de 2007. Sobre o resgate da memória é possível afirmar:

Portanto, a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. (...) a história oral, ao dedicar-se a recolher depoimentos individuais, que se referem a processos históricos e sociais, apresenta inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas, (...) recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões; (...)

DELGADO (2006 p.18-19)

Rememorar é elemento fundamental para compreender as relações sociais nas quais a escolarização estava imersa. Contextualizar historicamente a vida da entrevistada tornou-se elemento importante para compreender o lugar de sua fala.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis - temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, (...) História, tempo e memória são processos interligados.

DELGADO (2006 p.16,17)

A senhora entrevistada apresentou-se como uma exímia leitora, sobretudo de romances, a qual tenta amenizar os efeitos da solidão inevitável de um asilo de Maceió onde atualmente reside. A leitura, segundo ela, é sua permanente companheira. Além do gosto da leitura, ela gosta de escrever, fato este que lhe rendeu duas publicações de poesia no ano de 2008, cuja escrita vinha sendo feita desde a década de 1970. Mesmo sem ter uma publicação editorial os dois exemplares lhe proporcionaram uma felicidade vivificante. As obras foram intituladas *Alaíde em Verso e Prosa*.¹

A senhora relatou que aprendeu a ler, contar e escrever com cartilhas e literatura de Cordel, onde enfatizou o “Casamento da Raposa”. Desde então sente muito prazer em ler, prazer este que foi edificado na infância. Segundo ela quando aprendeu a ler descobriu a riqueza que poderia obter ao dominar aquele instrumento. O encanto pela leitura nunca mais a deixou e com isso tenta vencer as horas de solidão.

Como as alunas de sua época, a senhora entrevistada teve seus primeiros ensinamentos transmitidos em casa por sua mãe. Quando percebeu que tinha aprendido

¹ Esses escritos foram catalogados por uma psicóloga que fez um trabalho voluntário no ano de 2008 junto a Casa Luza de Marillac, onde conheceu D. Alaíde, desta forma teve acesso as produções e as organizou em dois volumes. Na apresentação de um dos livros a organizadora faz a seguinte referência: “Estes singelos livros de poemas e contos, surgiu da descoberta de uma poetiza adormecida”. Ainda esclarece que devido a sua mudança para outro Estado não pôde dar continuidade ao trabalho. Infelizmente não tivemos contato com esta psicóloga e só soubemos destas produções em uma visita a D. Alaíde no ano de 2010.

a cantar o que exemplifica as características da educação informal, transmitida a partir dos costumes e valores culturais, logo decidiu que já era tempo de colocá-la na escola, no entanto, ela relembra que não queria ir à escola, pois sabia que lá o seu aprendizado estaria associado aos castigos escolares como as palmatórias e o famoso “bolo”. Sabe-se que os castigos sempre estiveram relacionados à educação como forma de disciplinar e manter as relações de autoritarismo entre mestre e aluno. Segundo Cambi (1999, p. 472) “A educação deve culminar no plano moral, delineando-se como “hábito à obediência” pelo exemplo, e pela “distribuição pública do castigo e da recompensa”, além da apresentação de “lições de moral”.

Ainda relembra que sua avó era analfabeta, entretanto, tinha uma enorme preocupação com a alfabetização dos seus netos, fazendo questão de presentear a cada um com cartilhas. Com apenas quatro meses de vida, filha única, ficou órfã de pai. Aos oito anos de idade mudou-se para Maceió com sua mãe e alguns parentes. Com a chegada a capital iniciou seus estudos no 1º ano primário no Grupo Escolar Cincinato Pinto, situado no bairro do Bom Parto, onde aperfeiçoou seus conhecimentos integrando as novas disciplinas escolares como Ciências Sociais, Ciências Físicas, Matemática e Português. Segundo a senhora não havia a disciplina de Religião, porém iam pessoas a escola para dar aula de Catecismo. As aulas eram ministradas de segunda a sábado em tempo integral. Pela manhã estudavam-se os conteúdos disciplinares e a tarde trabalhos manuais como bordado, crochê e pintura. Eram ministradas também aulas de teatro, porém eram particulares e só frequentavam aqueles que dispunham de condição financeira, caracterizando a questão social. Segundo Cambi (1999 p. 552) “(...) a escola, deve abrir-se para a comunidade, para atividades, para valores etc. e deve também servir para “simplificar a vida social existente”, reconduzindo-a “a uma forma embrionária”.

Desde a infância a senhora relata que os trabalhos manuais não lhe despertavam tanto interesse e ainda era uma forma de poupar financeiramente sua mãe na compra dos materiais, já que via o esforço da mesma para não faltar os livros e cadernos. Aluna

dedicada fazia provas escritas e orais, sempre obtendo bons resultados que na maioria das vezes o seu boletim era recheado com notas 10, inclusive nas notas de comportamento. Ela era admirada por seu tio que morava em uma usina, ao escrever cartas para ele com correta pontuação aprendida nas cartilhas.

Conta que as professoras daquela época eram mulheres elegantes de grande prestígio social, muito bem vestidas e respeitadas por todos, a maioria vindas do centro da cidade e formadas no Curso Normal da capital. Mulheres essas que galgavam sua independência, difundindo assim o papel da mulher na sociedade antes associado apenas ao lar, aos serviços domésticos e a trabalhos menos prestigiados. Ser professora era uma atividade que na maioria das vezes garantia certa liberdade possibilitando adquirir conhecimento e independência, isso fazia com que muitas jovens da época sonhassem com esta profissão.

Na escola que freqüentou não havia mais o método de soletrar e quando isso acontecia era feito em voz baixa para que a professora não percebesse. Não se aplicava castigos com palmatória. A punição era ficar em pé, junto ao quadro negro ou na sala da diretora, porém, recorda de um menino que apanhou da professora com uma régua. Desta forma, é possível verificar que:

(...) um problema de disciplina [...] é todo comportamento de um ou de vários alunos percebido pelo professor como parte de um programa de ação que entra em conflito com o programa de ação inicial cujo objetivo é “manter a ordem” e garantir a aprendizagem”.

DOYLE E DESGAGNÉ, citado por TARDIF (2002, p. 131)

Os conteúdos disciplinares, como também as provas eram escritas no quadro negro e copiadas a lápis pelos alunos nos cadernos. Lembra que no terceiro ano os alunos sentiram bastante dificuldade em responder a prova que já vinha pronta do Colégio Estadual, mas a referida não teve dificuldade e foi à única que obteve boa nota.

Mesmo tendo afeição pela língua portuguesa, destacava-se em Matemática, resolvendo raiz cúbica com uma única explicação e nos relatou que para isso prestava bastante atenção, ainda nos informou que certa vez resolveu uma questão de fração no quadro que surpreendeu até mesmo a professora, a qual demonstrava certa antipatia pela senhora entrevistada, e foi com esta professora que ficou pela primeira vez de castigo, sem saber ao certo o motivo. Para sua sorte logo a referida professora saiu da escola, entrando outra que segundo a entrevistada era “um amor”.

Um componente emocional manifesta-se inevitavelmente, quando se trata de seres humanos. Quando se ensina, certos alunos parecem simpáticos, outros não. Com certos grupos, tudo caminha perfeitamente bem; com outros, tudo fica bloqueado. Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos.

TARDIF (2002, p. 130)

Segundo a senhora todas as quartas-feiras a bandeira era hasteada e os alunos formavam filas para cantar o hino, num diálogo entre o presente e o passado enfatizando o conhecimento que os alunos daquela época tinham em relações ao hino e que hoje as crianças e os jovens não sabem cantar os principais hinos.

Existiam as férias do meio do ano no mês de Junho e no dia 19 de Novembro ao encerrar o ano letivo, os alunos eram presenteados com bombons e os mais “sabidos” ganhavam presentes, retornando as aulas no dia primeiro de fevereiro. No terceiro ano a senhora passou em primeiro lugar e foi convocada para ler o discurso junto à professora, causando inveja a alguns colegas. Recorda com carinho de uma frase dita pela professora que iria lhe ensinar no quarto ano: “é a única pura, sem mistura”, elogiando-a. Ela estudou apenas até o quarto ano, não quis prestar o exame de admissão para ingressar ao Ginásio, pois desejava trabalhar para ajudar a sua mãe e, mesmo tendo uma boa formação não tinha interesse em continuar os estudos. O tio ainda prometeu ajudá-

la em sua formação, mas separou-se da esposa e foi morar em outra cidade não retornando.

Aos dezessete anos ela começou a trabalhar na fábrica de biscoitos Brandim. Indagada se o nome da fábrica era Brandini, ela deu a seguinte explicação: o nome é Brandim, “Bram de Brandão e Dim de jardim”, lá permaneceu por dois anos. Depois trabalhou dezessete anos na Fábrica de Tecidos Alexandria, saindo apenas quando a empresa fechou. Naquele trabalho teve destaque por saber ler, apenas ela e outra colega sabia ler fluentemente e tinham mais habilidades, enquanto os demais sabiam apenas assinar o nome e por isso faziam anotações incorretas nos produtos. Quando necessário ela ensinava aos colegas a escrever as anotações. Lembra-se da dificuldade do gerente quando as duas tiraram férias juntas, dizendo que isso não iria acontecer mais.

Por conta do trabalho ela adquiriu um problema de coluna e também sofria de hipertensão. Passou dezesseis anos para se aposentar por invalidez, conseguindo apenas aos 52 anos. Morou um tempo com uma tia que veio a falecer, e logo após mudou-se para o Lar de Idosas Luiza de Marillac onde mora há 23 anos, sendo a moradora mais antiga.

Leitora assídua de jornais fez referência à inteligência de Juscelino Kubitschek comparando-se a ele quando estava sendo entrevistada por falar muito. Recordando de uma entrevista lida onde os candidatos à presidência davam respostas curtas. Um deles respondeu a pergunta apenas com um “sim”, enquanto Juscelino falou muito sobre o assunto o que transparece o quanto as práticas de leitura e escrita favorecem a comunicação e a vivência do indivíduo.

Mesmo tendo vivido num momento em que a educação não era levada em consideração como deveria, quando as dificuldades econômicas e culturais já faziam parte do cotidiano das famílias, a senhora entrevistada confrontava os paradigmas de uma cultura que pouco fazia uso da educação formal, da leitura e da escrita. No que tange à educação no início do século XX, a preocupação com a mesma não ocorria de maneira satisfatória, principalmente no ensino primário, hoje ensino fundamental.

Diante de algumas reformas ocorridas nas três primeiras décadas do século passado no ensino, pouco ou quase nada foi feito em relação à educação primária tanto a nível nacional como estadual.

Poder conhecer e entrevistar a Sr.^a Alaíde do Carmo foi de grande importância para nós, colaborando com a nossa compreensão da realidade histórica dos processos educativos. Além desses conhecimentos, um outro ponto importante a destacar é a valorização dada à leitura e a escrita presente nas entrelinhas desta entrevista. Conhecer a história de uma pessoa é participar de momentos vividos, reconhecendo suas singularidades e seus desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados e da entrevista a idosa, compreendemos o quanto este assunto é importante para entender a história da educação alagoana e suas relações sociais, políticas e econômicas.

Contudo, sabemos que este estudo se torna pequeno diante de tamanha grandeza histórica que o mesmo traz.

Portanto, poder conhecer e entrevistar a Sr.^a Alaíde teve grande importância para nós, fazendo com que compreendêssemos o processo histórico bem como a realidade histórica desta senhora quanto a sua educação. Além desses conhecimentos, um outro ponto importante a destacar diz respeito a valorização dada a leitura, sendo esta uma leitora assídua, dizendo que através da leitura pôde conhecer muitas coisas, para nós esse fato é um dos maiores exemplos de vida de uma pessoa que faz da história dos livros a sua própria história e hoje atua como um sujeito histórico em nosso aprendizado.

REFERÊNCIAS



ISSN 1981 - 3031

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

DELGADO, L. A. N. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntico, 2006.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. **História geral da educação**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2003.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão. **Cultura e educação nas Alagoas: história, histórias**. 3ªed. Maceió: Governo do Estado de Alagoas, 2001.